



‘A MOÇA TECELÃ’ DE MARINA COLASANTI¹

Dayana da Silva Rhoden*

RESUMO

No presente trabalho, estudaremos o conto **A Moça Tecelã** de Marina Colasanti. Mostraremos a relação que a autora se utiliza para criar uma nova vestimenta a esta narrativa. Dessa maneira analisaremos através da retomada da mitologia, mostrando a estratégia do arquétipo representando a figura da mulher e a volta ao passado para evidenciar a mulher da atualidade. Encontramos nesta narrativa elementos que retomam a mitologia, evidenciando assim a tese que os mitos e os clássicos são constantes e primordiais nos tempos atuais.

Palavras-chave: Letras. Marina Colasanti. Mitologia. Mulher.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o conto **A Moça Tecelã**, de Marina Colasanti, sob a abordagem mitológica presente na obra resgatando a figura da ‘Rainha Penélope’ da obra **Odisséia de Homero**, fazendo assim uma volta ao passado e transformando estes valores tradicionais.

O conto narra à história de uma mulher que tecia todo o tempo de sua vida em seu lindo tear, trazia através dele tudo o que necessitava e era feliz deste jeito, porém, com o passar do tempo, começou a se sentir sozinha e desejou ter um marido, logo foi feliz por algum tempo, contudo, o marido ao descobrir o poder do tear, submete a esposa a tecer seus caprichos, se sentindo infeliz e perdendo o desejo da vida, decide se desfazer do mesmo para novamente ser feliz, então o faz.

Marina Colasanti foi a autora escolhida para este trabalho, pois, é uma das maiores e melhores escritoras que defendem a classe feminista na atualidade e, através de seus escritos,

¹Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras do *campus* Universitário de Sinop Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2010, sob a orientação da Dra. Adriana Lins Precioso.

*Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2010. Cursando a especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT/ Sinop (2011/2012).

mostra os fatos vividos pelos seres humanos por meio de seu estilo inovador que são ‘os contos de fadas para adultos’, utilizando-se dos clássicos para demonstrar essa humanidade cheia de conflitos e receios.

Nosso intuito ao realizar esta pesquisa, foi de analisarmos como o antigo continua vivo entre nós, a autora faz este trabalho muito bem, nos retrata uma nova visão de mundo através do antigo, deixando evidente que a história tem um grande prestígio em nossa vida atual. Sendo necessário conhecer o velho para modificar e transformar o novo, assim é muito importante trazer este trabalho para a sociedade acadêmica e em geral, para que possam contribuir com a produção de conhecimento e para que surjam futuras pesquisas abordando este mesmo assunto, que sempre será atrativo, importante e revelado.

2 MARINA COLASANTI: estilo textual

Marina Colasanti é hoje, sem dúvidas, uma das maiores e mais importante escritora feminista da literatura brasileira escreve para adultos e crianças, porém de uma maneira direta e objetiva, escreve de acordo com o momento, com o mundo atual e seus valores, trata sempre do presente e de seus conflitos, porém resgatando fatores do passado e colocando sempre a mulher em primeiro plano em suas narrativas.

No caso desta escritora, o padrão reprisado e que é a sua “marca pessoal” passa inicialmente pela temática abordada. Nas ficções desta escritora, encontram-se todas as questões que afligem o ser humano: a busca da identidade, os encontros e desencontros amorosos, a solidão e a morte. Todas as falhas e fragilidades da nossa espécie, como a inveja, o egoísmo a ambição também comparecem na obra desta ficcionista. São temas que se manifestam, tanto nas narrativas infantis como nas adultas, pela repetição de imagens, personagens e situações de acentuado teor simbólico. (CECCANTINI, 2004, p.73-74).

A trajetória diversificada de Marina Colasanti possibilitou-lhe um olhar diferenciado sobre o ser humano, escreve com uma sensibilidade e precisão as questões complexas do comportamento, de maneira que seus leitores possam compreender.

Colasanti resgata temas do passado como mitos, conto de fadas e transporta para nossa atual sociedade mostrando que tudo isso ainda faz parte de nossas vidas, contudo escreve de uma forma inovadora, atual, é como se ela usufruísse do passado para relatar o real presente.

Unindo as narrativas mitológicas aos contos de fadas, intercambiando culturas, expondo em sua obra as idéias, os anseios, os temores, as expectativas de seu tempo, Marina Colasanti contribui na formação de um leitor crítico; procura restaurar a discussão que a sociedade deve fazer quando repensa o papel de cada um de nós: o

lugar do homem e da mulher, do sujeito, e assim resgatar a cidadania perdida. (DAVID, 2001, p.98).

Partindo de estruturas infantis onde o objetivo é o de preparar as crianças para a vida, com seus ‘contos de fadas para adultos’, baseando-se nas estruturas infantis, relata sobre os anseios e questões contemporâneas, elencando o homem a essa modernidade onde ele se encontra presente.

O conflito da relação homem-mulher é um dos grandes desencontros do real valor do ser humano, sendo assim Colasanti mostra muito bem essa trajetória, de forma muito inovadora, e faz isso com muito potencial, pois é reconhecida nacionalmente e internacionalmente elencada ao time das maiores escritoras da segunda metade do século XX. Os perfis femininos trabalhados em suas obras buscam por uma idealização da felicidade, resgatando temas do passado e entrelaçando ao presente.

No eixo estruturador através do qual Marina Colasanti elabora seus perfis femininos está o poder, o desejo e o resgate da memória cultural. O trágico e a busca da felicidade, ainda que aparentemente opostos, sempre estiveram presentes na existência humana e se unem na escritura da autora. (DAVID, 2001, p.85).

Suas personagens femininas são apresentadas em uma nova perspectiva, suas historicidades tradicionais dão lugar a essas mulheres que buscam serem valorizadas como seres humanos, as mulheres de suas obras tem o desejo, o poder, e isso é mostrado fortemente pela autora. São mulheres que sonham com seus ideais, com a felicidade e, por isso, não ficam a espera de um príncipe encantado, agora elas decidem sua vidas.

Os anos passam, as gerações mudam. Com a mulher, não foi diferente: as princesinhas, retratadas por MC, não se guardam mais dormindo pela chegada do príncipe, elas ficam acordadas para poder tecê-los e, se eles não se encaixarem nos seus projetos, não haverá o “para sempre”. (SILVA, 2001, p.36).

Marina Colasanti dá ênfase em suas narrativas ao papel exercido pela mulher, contudo não é aquela mulher que estamos acostumados a ver, sempre com um lindo final feliz, ela nos retrata o oposto das mulheres submissas, que aceitavam tudo o que era imposto pelo marido, mostra-nos as mulheres lutadoras, que prezam por sua vida e liberdade, fazem suas próprias escolhas.

Vimos quebrar-se a imagem da mulher submissa ao poder masculino, à cultura hegemônica para abrir espaço à fala, aos desejos, aos anseios da mulher. Por isso Marina Colasanti contribui com sua escritura ao refletir uma cultura feminina no interior da cultura maior, dominante e opressora. (DAVID, 2001, p.97).

As personagens da autora são transgressoras, por enfrentarem os desafios da vida e estarem sempre em busca da felicidade. Não aceitando aquilo que é imposto a elas, cortam os laços masculinos que a aprisionam. Colasanti tem contribuído muito com essa nova representação da mulher através de sua literatura, resgatando sempre o papel da mesma na sociedade, buscando provar que mulher não é diferente do homem, que temos os mesmos objetivos e buscamos os mesmos espaços.

Ao falar da trajetória da mulher, da qual a temática principal da autora sempre foi a imposição masculina, a autora faz um resgate mítico cultural:

Marina Colasanti faz um resgate de narrativas orais, dos mitos, o maravilhoso dos contos de fadas. E, muitas vezes, vestígios de mito junto com elementos tirados de contos de fadas para que o leitor recupere histórias que fazem parte do patrimônio da humanidade. (DAVID, 2001, p.84).

Esse percurso de escrita da autora está relacionado ao conto analisado neste trabalho, onde a mesma retomada aos contos de fadas clássicos e ao mito para construir essa história e mostrar o papel da mulher perante sociedade atual. Essa mulher que é trabalhadora, otimista, que busca seus ideais, assim nos relatando a mulher do século XX e que continua buscando espaço no XXI, e também o próprio papel da escritora perante a atualidade, como ela mesma relata:

Ora, as escritoras estão perfeitamente conscientes de que ainda hoje um preconceito pesado tende a colorir de rosa qualquer obra de literatura feminina [...] o preconceito perdura. Pesquisas mostram que basta a palavra mulher em um título para espantar os leitores homens e abrandar o entusiasmo dos críticos. E embora não precisemos mais nos esconder atrás de pseudônimos masculinos, como no séc. XIX, sabemos que os leitores abordam um livro de maneira diferente quando ele é escrito por uma mulher ou por um homem. (COLASANTI, 2003, p.90).

Marina Colasanti, para incorporar suas temáticas contemporâneas, utiliza o recurso da intertextualidade e nos mostra o quanto o passado, presente e futuro literário se entrecruzam pelas narrativas.

Sabendo, com esmero, sondar a subjetividade da alma humana, de modo que o absurdo inesperado e o real ocupam o mesmo espaço, num trabalho voltado para a intertextualidade, fenômeno aqui entendido, em sentido lato, como a capacidade de um texto literário para remeter o leitor a outro(s) texto(s), através de semelhanças e ou de divergências, resultantes da reelaboração do texto evocador. (SILVA, 2001, p.33).

Percebemos, então, de acordo com a própria escritora como é difícil uma mulher ainda nos dias de hoje ter o reconhecimento merecido, ainda revigora o preconceito, sendo assim ela escreve sempre a favor da mulher, questionando que também temos direito as mesmas coisas.

Questiona esse mundo que ainda não abre as portas de maneira igual para todos e, desta maneira, Colasanti relata em suas obras a mulher, seu valor e espaço no mundo.

Colasanti considerada hoje uma das grandes desbravadoras da literatura contemporânea, guerreira das causas feministas, lutadora contra os conflitos entre homem e mulher, contudo presa principalmente sobre as causas a respeito do sujeito feminino.

3 O RESGATE DO MITO NO CONTO ‘A MOÇA TECELÃ’

O mito segundo Mazucchi-Saes: “[...] é considerado uma história que foi ou é sagrada e verdadeira para as realidades de cada sociedade que nasce e perpetua-se pelo relato”. (2005, p.14). Notamos isto em diversos aspectos como, na literatura, na pintura, no teatro, o mito encontra-se presente em vários lugares e continuará sempre vivo, pois, remete-se aos fatos do passado que continuam presentes, os homens buscam através dele explicar o que os rodeiam e o próprio desejo de explicar seu destino.

Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento a vida e depois a morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir quem somos. (CAMPBELL, 1990, p.5).

O mito é algo muito complexo, para algumas pessoas significam algum tipo de ficção que o homem inventou para suprir suas ilusões, para outros foram histórias sagradas e verídicas de algum povo. Desta forma serve como caráter religioso para alguns e para outros é apenas fatos fictícios, quando não há explicação para algo eles inventavam, segundo Eliade “[...] O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares”. (s/d, p.12)

Eles relatam, narram, fatos que realmente aconteceram em algum lugar do passado, contam como coisas foram criadas e passaram a existir no universo, existindo até hoje na humanidade moderna.

[...] o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos [...] O mito só fala daquilo que realmente aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente. As suas personagens são *Seres Sobrenaturais*, conhecidos sobretudo por aquilo que fizeram no tempo prestigioso dos <<primórdios>>. (ELIADE, s/d, p.12-13).

Percebemos que o mito é considerado uma história sagrada, sendo assim, de alguma forma real, pois, remete-se aos fatos ocorridos no passado e que têm alguma explicação para os da vida presente, assim nasceram os primeiros deuses para explicar as forças da natureza e as coisas que não tinham justificativas, como que dia choveria, quando seria a primavera ou quando uma mulher ou algum animal dariam a luz, quando os frutos madurariam, por isso, os povos primitivos acreditavam fielmente neles, como sendo Deus.

Um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo – os poderes do seu próprio corpo e da natureza. Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. (CAMPBELL, 1990, p.25).

Hoje ao invés dos deuses, temos para explicar os fatos, a ciência, a história, a religião, as artes em geral, contudo, notamos que os mesmos caminham sempre lado a lado com os mitos, necessitam deste encontro, pois, um explica o outro, um está presente dentro do outro, e vemos fortemente traços destes representados principalmente na literatura.

A literatura é hoje a fonte a partir da qual os mitos se fertilizam, brotam, da qual fluem e invadem as almas. Ela é a grande lira do homem moderno, tal qual Orfeu. Enquanto ela tocar, teremos conforto para o frio, o escuro, a solidão e a insônia dos tempos hostis. Ela nos conduzirá sempre para a vitalidade pujante dos inícios, lá onde o poeta proclama, a cada nova vez e sempre. (COELHO, 2008, p.94).

Notamos que a literatura tem grande valor na representação dos mitos, pois, através dela temos a chance de retomá-los, quando surgem com novas roupagens e, de maneira inovadora, atual, sendo assim temos uma literatura moderna que retoma aos clássicos e os transportam para o presente de forma mais adaptada a realidade atual.

[...] os mitos oferecem modelos de vida. Mas os modelos têm de ser adaptados ao tempo que você está vivendo; acontece que o nosso tempo mudou tão depressa que o que era aceitável há cinquenta anos não o é mais, hoje. As virtudes do passado são os vícios de hoje. E muito do que se julgava serem os vícios do passado são as necessidades de hoje. A ordem moral tem de se harmonizar com as necessidades morais da vida real, no tempo, aqui e agora. (CAMPBELL, 1990, p. 13).

Como vimos anteriormente, os mitos fazem parte das nossas vidas desde muito tempo, porém sempre adaptados as normas da sociedade atual, pois necessita que as pessoas estejam em harmonia com o ambiente em que se encontram desta forma, sempre estará ligado à realidade do ser humano.

A partir destes relatos é que os mitos permanecem através dos anos, podemos encontrá-los em diversas áreas. Nosso mito em estudo fez parte da antiguidade, é o mito da **Odisséia** de Homero, representado pelo arquétipo da Rainha Penélope.

Limitando-nos a esfera da literatura, podemos definir arquétipos como representações das grandes forças ou impulsos da alma humana: o instinto de sobrevivência, o medo, o amor, o ódio, o ciúme, os desejos, o sentimento do dever, a ânsia de imortalidade, a vontade de domínio, a coragem ou heroísmo, o narcisismo, a covardia, a inveja, o egoísmo, a luxúria, a fé [...]. (COELHO, 2008, p.98).

Para tanto, a escritora faz uma retomada ao passado e resgata o arquétipo de Penélope, fazendo uma intertextualidade com a sua obra **A Moça Tecelã**, pois Penélope tecia um longo bordado para se livrar do casamento, conforme Brandão: “Quando não lhe foi mais possível tergiversar, arquitetou um estratagema, [...] prometeu que escolheria um deles para marido, tão logo acabasse a mortalha de seu sogro Laerte [...]”. (1987, p.315).

Penélope tenta ganhar tempo, pois acredita que seu esposo esteja vivo, este papel de fiandeira que ela forja duram três anos, até que uma escrava descobre e entrega seu segredo, os pretendentes ao descobrir jogam a mortalha na fogueira, porém, logo após esse episódio, o seu grande amor retorna disfarçado, depois de mais de vinte anos e enquanto luta com os pretendes da esposa ela dorme tranquila em seus aposentos, ao vencer seus rivais se apresenta a Penélope, ela demora um pouco para reconhecê-lo, e assim ele retoma seu lugar perante a sua esposa e sua casa e aquela noite foi a mais longa de todos os tempos para os enamorados conseguirem contar as novidades e as aventuras vividas durante todo este tempo.

Já a Tecelã, ao contrário, tece seu marido, porém, logo se arrepende e joga a lançadeira ao contrário e o desfaz. Percebendo que sua vida tinha lhe fugido das mãos resolve a tê-la novamente, porque antes do marido aparecer na vida da tecelã ela tinha tudo o que queria através de seu tear mágico, tudo era fruto do seu trabalho, era pensar em algo e pronto, logo estava na sua frente, bordava o sol, a lua, a chuva, o arco-íris e as cores logo apareciam em seu bordado, tudo vinha deste precioso instrumento mágico que era sua felicidade e harmonia.

Assim, notamos como a autora utiliza-se do mito em seu conto, todavia ela o faz de maneira inovadora, retoma ao passado mitológico e traz para o presente, mostra o papel da mulher atual, ou seja, valendo-se de um arquétipo para construir todo o percurso de conflito que a personagem passou para perceber o sentido de sua vida.

Podemos evidenciar o percurso que as duas mulheres analisadas trilham para obter seus desejos e conseguir realizá-los, a ‘Rainha Penélope’ busca uma estratégia para manter-se a espera de seu grande amor, sendo assim arma um plano para conseguir ganhar tempo e fugir

de seus pretendentes acreditando sempre na volta do seu grande amor. Porém, nossa ‘Tecedã’ no primeiro momento se sente sozinha e deseja ter algo para lhe fazer feliz, então decide bordar um esposo, contudo este com o decorrer do tempo não a faz feliz e ela se sente triste e solitária, recordando que sua vida era melhor e mais alegre antes de sua chegada, desta maneira resolve se desfazer dele e ter sua vida feliz e livre novamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou-nos estudar e conhecer a escritora Marina Colasanti, desta maneira, tendo contato com suas obras e conhecendo o universo esplêndido que representam, podemos apreciar dentro de seus trabalhos os contos de fadas para adultos, que nada mais é que uma retomada de forma simples e direta, aos contos de fadas clássicos, porém, escritos de forma inovadora e atual, questionam os conflitos vividos pelos seres humanos, viventes desta época.

Conhecemos também um pouco sobre a trajetória do mito, sua representação na vida e na literatura. Através dele são retomados conceitos vivenciados na antiguidade que ainda hoje de alguma maneira se encontram presentes entre nós, conhecemos melhor o mito da **Odisséia**, e a figura da ‘Rainha Penélope’, vista pela literatura como uma representação arquetípica da mulher do passado.

Nesta perspectiva, procuramos compreender os meios pelos quais a autora recorre para transmitir que de fato a mulher não é frágil e sim muito guerreira e cheia de sabedoria e garra. Procuramos através deste, mostrar e reconhecer os recursos utilizados por Colasanti, buscamos através do conto analisado identificar e retomar as figuras mitológicas a partir dos arquétipos, mostrando que continuam presentes de forma atual em nosso meio. Identificando assim, o grande valor que as pessoas deveriam ter em relação a fatos do passado, a história em geral, pois, de alguma maneira representam algo em nossas vidas e talvez seja a resposta para muitas perguntas e continuaram vivos durante toda a trajetória de vida do ser humano.

‘THE GIRL WEAVER’ BY MARINA COLASANTI

ABSTRACT²

² Transcrição realizada pela aluna Dayana da Silva Rhoden e revisão pela aluna Fernanda de Souza Pedroso, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.

In this paper, we study the short story **The Girl Weaver** by Marina Colasanti. We will show the relationship that the author uses to create a new outfit to this narrative. Thus we will analyze through the resumption of mythology, showing the strategy of representing the figure of the woman and back in time to show the woman of today. We find this narrative elements which take the mythology, thus underlining the thesis that myths and classics are constant and in primordial nowadays.

Keywords: Languages. Marina Colasanti. Mythology. Womam.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Sousa. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987.

CAMPBELL, JOSEPH. **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CECCANTINI, João Luis. **Leitura e Literatura infanto-juvenil**: memórias de gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica - Assis ANEP, 2004.

COELHO, Novaes Nelly. **O Conto de Fadas**. Símbolos-Mitos-Arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2008.

COLASANTI, Marina. Por que nos perguntamos se existimos. In: FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. (Org.). **Leitura**: um cons/certo. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2003.

DAVID, Mara Lúcia. **A presença do mito na ficção de Marina Colasanti: resgate das culturas portuguesas e brasileiras**. São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da faculdade de filosofia, Letras e Ciências, Universidade do Estado de São Paulo. São Paulo, 2001.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Edições 70, LTDA. Rio de Janeiro, s/d.

MAZUCCHI-SAES, Patrícia. Imagens míticas na publicidade. In: RAMOS, Celeste. (Org.). **Mitos**: perspectivas e representações. Campinas: Alínea, 2005. (Coleção mitologia e arte).

SILVA, Maria da Silva. **A ficção de Marina Colasanti a releitura dos contos de fadas**: os muitos fios da tessitura narrativa. São Paulo: USP/FFLCH, Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da faculdade de filosofia, Letras e Ciências, Universidade do Estado de São Paulo. São Paulo, 2001.